

A INTERATIVIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ESTUDO A PARTIR DA FEIRA DE CIÊNCIAS SOBRE O SEMIÁRIDO NORDESTINO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Epaminondes Pinheiro Machado Neto¹
Tarcyana Câmara Barroso²
Maria Lúcia Brito da Cruz³

RESUMO

Este estudo discute a realização de feira de ciências com turma do 7º ano do ensino fundamental II no Instituto Educacional Castro's com o tema "Questões Ambientais no Nordeste semiárido: Conhecendo Nossa Região" para identificar como a interatividade contribui no processo de ensino e aprendizagem. O ensino de Geografia possibilita a relação entre os conteúdos curriculares, as vivências dos estudantes com o ambiente em que vivem, construindo, em atividades como feiras de ciências, a possibilidade de incentivo a interatividade entre os estudantes e os currículos escolares. A interatividade é a relação do estudante com a assimilação do conteúdo e a capacidade de comunicação de forma que o discente interaja e tenha a capacidade de expor o que aprendeu. Esta capacidade pode ser incentivada e trabalhada pelo professor em atividades que desenvolvam os conhecimentos e o processo da aprendizagem, a exemplo da realização das feiras de ciências, assim, estimulando os estudantes a realizarem pesquisas sobre temas dos conteúdos programáticos. O estudo foi dividido na exposição da metodologia utilizada para realização da feira e das obras que fundamentam as discussões sobre interatividade, Geografia Escolar, ensino e aprendizagem. Foram realizadas revisões bibliográficas, elaboração de tabelas e esquemas gráficos para representação dos resultados. Foi constatado que os estudantes assimilam e participam das aulas com melhores desempenhos em conjunto com a prática de pesquisas sobre os conteúdos, incentivo ao protagonismo e atividades lúdicas possibilitando melhores resultados no processo de ensino e na aprendizagem.

Palavras-chave: Interatividade, Geografia Escolar, Feira de Ciências.

INTRODUÇÃO

A interatividade no ambiente escolar possibilita relação entre os agentes na construção do conhecimento, sensibilizando e formando cidadãos criativos, protagonistas e conscientes de suas ações na coletividade.

A feira de ciências, atividade comumente realizada em escolas do ensino básico, possibilita resultados importantes para a formação dos discentes em diversas áreas, entre elas, na Geografia, que, por meio do estímulo ao protagonismo, à prática da pesquisa e da interatividade que é a relação mútua e de reciprocidade entre o professor com os estudantes, estudantes entre estudantes e estudante com o conteúdo, possibilitando a construção de conhecimento e aprendizagem participativos entre os discentes (SILVA, 2012).

¹Graduado do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, epaminondes7pinheiro@gmail.com

² Graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, tarcy.geografia@outlook.com

³Profª. Drª. da Universidade Estadual do Ceará - UECE, mlbcruz@gmail.com

Este estudo realiza discussões a partir da atividade feira de ciências com a temática voltada as questões ambientais, tendo como foco a turma do 7º ano do ensino fundamental II do Instituto Educacional Castro's que discutiu o tema “Questões Ambientais no Nordeste semiárido: Conhecendo Nossa Região”.

A interatividade e as atividades da feira científica são discutidas de forma processual, na escolha do tema e no formato de apresentação. Foi escolhido o tema geral da sala e, em seguida, cada estudante escolheu temas específicos: tecnologias para melhoramento da qualidade da água, vida no Nordeste semiárido e relação da cultura com as questões ambientais.

Os estudantes tiveram como base o livro didático de geografia da autora Torrezani (2015) e recortaram suas atividades para a região Semiárida do Nordeste brasileira que possui destaque nos conteúdos visto pelos estudantes.

METODOLOGIA

Para realização do trabalho foram utilizadas metodologias participativas em busca da aplicação do conceito de interatividade para elaboração da feira de ciências com aplicação em turma do 7º ano do ensino fundamental II.

As atividades foram divididas em quatro passos: 1º planejamento em grupo e conhecimento prévio da turma sobre os temas, 2º trabalhos teóricos e práticos sobre as temáticas, 3º execução das atividades e 4º avaliação dos conhecimentos obtidos.

O passo a passo para execução da 1ª etapa inicia na escolha dos conteúdos que serão trabalhados, assim como, a realização de projeto voltado para o currículo programático escolhido, em busca da melhor adequação entre as características da turma e as possibilidades de aplicação e uso de recursos existentes na escola, com duração de duas aulas de 50 minutos cada em sala de aula e trabalho externo de planejamento.

Em seguida, para a continuidade das etapas devem ser divididas as atribuições dentro da escola para cada professor, assim como, o direcionamento do tema geral da feira para as turmas, e, em sequência, as atividades são direcionadas aos estudantes dentro de um planejamento coletivo em sala de aula em formato de roda de conversas, onde o capítulo do livro que será utilizado deve já estar definido previamente, o tema geral da turma deve ser direcionado ao currículo normatizado e ser apresentadas regras para execução das atividades pelos estudantes.

Ao decorrer das discussões o projeto da turma deve ser elaborado de forma participativa, com tempo de discussão entre 70 minutos, possibilitando a formação de grupos que representem

subtemas para cada uma das equipes, assim como, realizada neste estudo, com o tema geral da turma do 7º ano “Questões Ambientais no Nordeste semiárido: Conhecendo Nossa Região” e, em seguida, a formação de três grupos: tecnologias para melhoramento da qualidade da água, vida no Nordeste semiárido e relação da cultura com as questões ambientais.

Com o projeto formado, o tema geral e temas específicos direcionados, as equipes se reuniram e apresentaram no papel suas opiniões, conhecimentos e abstrações sobre os temas. Ao final da aula, cada equipe entregou ao professor suas percepções com diferentes visões referentes aos temas, com o tempo médio de 30 minutos para a realização da atividade.

O segundo passo teve início com discussões sobre as opiniões dos estudantes e seus conhecimentos prévios sobre os temas trabalhados na primeira etapa, ministração do capítulo por parte do professor e pesquisas realizadas pelos estudantes para elaboração de atividades em cada grupo, os dois primeiros momentos devem ser realizados em sala de aula com duração de duas aulas e o terceiro ponto deve ser direcionado para casa.

Os discentes, ao discutirem os temas do livro e terem em conjunto com o professor realizado atividades textuais e de pesquisa, foram encaminhados para apresentarem suas percepções depois da leitura do livro e das pesquisas realizadas em uma terceira aula com duração de 50 minutos, com observações e direcionamentos do professor para com os estudantes.

Em seguida, em uma quarta aula, os estudantes montaram suas atividades para realizar a execução da 3º etapa, já direcionados nas teorias e formas de pesquisas sobre o tema geral e específico de cada grupo.

Na 3º etapa foram realizadas as apresentações de cada equipe para a comunidade escolar, com elaboração de tecnologias e ministração das teorias e dos resultados obtidos sobre as pesquisas. Esta etapa teve duração de três dias, pré-determinados em planejamento escolar, onde os discentes elaboraram, discutiram e executaram suas contribuições com os conteúdos trabalhados nas etapas anteriores.

A quarta etapa foi realizada em aula com duração de 50 minutos, onde cada estudante pode relatar sua experiência, opinião e atribuir suas percepções sobre os trabalhos, além da entrega de um relatório individual para avaliação, e contribuições do professor em ficha avaliativa entregue aos responsáveis pelos estudantes.

Todo o processo teve duração de 1 mês, com 6 aulas de geografia e uma semana em que toda a escola foi direcionada para realização da feira de ciências com temas voltados as questões ambientais.

Para realização deste artigo foram utilizadas as práticas e o exercício realizado na feira de ciências para compreensão de como o conceito de interatividade auxilia na atividade do professor na Geografia Escolar.

Para tanto, foi necessária revisão bibliográfica a partir do tema interatividade, com base em Marcos Silva (2012), da Geografia Escolar embasado em Callai (2013) e outras fontes teóricas de apoio, com fins de relacionar estes temas com a práxis do docente.

Os resultados são apresentados em tabelas e modelos gráficos para melhor exibição do rendimento das atividades e relação entre as discussões empíricas com as referências bibliográficas utilizadas.

DESENVOLVIMENTO

A Geografia é uma ciência de cunho prático que possui inúmeras possibilidades de discussões em torno do livro didático, permitindo a utilização do currículo e atividades que envolvam os estudantes e que permite ao professor realizar diferentes dinâmicas em sala de aula, conciliando o conteúdo normatizado com os conhecimentos prévios dos estudantes.

A construção de conhecimento não se restringe aos ambientes normatizados, temos todos os dias inúmeras vivências, é certo que, as escolas são ambientes que potencializam as capacidades dos estudantes. Cabe aos professores, dentro deste fato, se sensibilizarem a realidade vivida pelos discentes, pois cada ser humano possui potencialidades, fragilidades e condições intelectuais para aprender e aplicar conhecimento (CASTTELAR, 2005).

Devemos assimilar as individualidades de cada ser e, a partir disto, elaborar formas didáticas para exercer a docência (CASTTELAR, 2005). “Desse modo, consideramos que o processo de construção de conhecimento parte do princípio de que a interação do sujeito com o mundo é fundamental para ocorrer um aprendizado significativo” (CASTTELAR, 2005, p. 39-40).

As reflexões sobre o currículo e as relações possíveis com o cotidiano escolar e a vivência dos discentes são de suma necessidade para construção de ensino e aprendizagem que envolva os estudantes e seu cotidiano sem perda dos conteúdos programáticos, sendo um desafio necessários para o professor, a escola e todos os envolvidos na educação. (CALLAI, 2013) contribui apresentando que:

Refletir sobre escola, ensino e conteúdo curricular escolar reporta a reconhecer que a configuração do mundo atual na sociedade da informação apresenta novos modos de compreender os tempos e os espaços sob os processos de globalização e as novas territorialidades emergem diante da complexidade em que se apresenta o mundo, e a

Geografia se constitui como ferramenta intelectual para entender este mundo (CALLAI, 2013, p. 40).

A Geografia em seus conteúdos regionais está inserida nos currículos escolares em inúmeros pontos, no 7º ano do ensino fundamental II a Base Nacional Comum Curricular – BNCC discorre que as relações físico-naturais, as ações dos estudantes em seu ambiente e o reconhecimento das dinâmicas regionais devem ser trabalhadas em âmbito escolar.

A interatividade contribui para formação dos estudantes e na prática dos professores em conjunto com os conteúdos normatizados, possibilitando a relação entre os conhecimentos pré-estabelecidos e a construção da aprendizagem na prática, proporcionando a participação dos estudantes e do professor, onde:

(...) a autoria do professor é mais do que nunca solicitada. Encarar o novo espectador, o “homem aleatório” garantindo na sala de aula democracia, interatividade tolerância. Assim ele promove a aprendizagem. Assim ele educa em nosso tempo. (SILVA, 2012).

A participação dos pupilos em parceria com o professor possibilita a formação de uma geografia escolar voltada à pesquisa e aproximação entre o conteúdo do livro didático com a vivência dos estudantes, permitindo a relação entre livro didático e execução de pesquisas sobre os temas discutidos em sala.

Esta atividade possibilita a participação e protagonismo para com a comprovação e experimentação da teoria por meio da prática, em que, o professor realiza a mediação e orientação dos processos realizados pelos estudantes, das normas e da divisão de atividades, em que:

Diante disso, pode-se pensar num ensino de geografia que trate de um conhecimento disciplinar que não seja apenas do senso comum, mas que tenha bases científicas. E que seja possível através dele conectar os alunos entre si e com o seu mundo, que seja um ensino que não se esgote nos exames e nas avaliações anuais. (CALLAI, 2013, p. 43).

Para contribuição do professor na Geografia Escolar é necessário a ressignificação do conhecimento, possuindo na busca pela interatividade em sala de aula a realização de práticas que priorizam a realidade dos estudantes, devendo buscar relacionar o contexto social e os recursos existentes na escola, pois:

(...) considera-se a geografia escolar como um conhecimento diferente da geografia acadêmica. A geografia escolar é uma criação particular e original da escola, que responde às finalidades sociais que lhe são próprias. Se os currículos nunca se apresentam de modo homogêneo em todo o território nacional, nem o ensino dos conteúdos da Geografia será da mesma maneira ensinado (CALLAI, 2013, p. 49).

Segundo Silva (2012) as tecnologias, as relações entre o mercado e as mudanças sociais geram uma sociedade que possui relações e comunicação com diversos grupos e com grande

quantitativo de pessoas, onde o professor, os estudantes e todos da sociedade estão expostos à comunicação e interações constantes com inúmeras informações, que possui contexto com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Diante disto, a interatividade deve ser contextualizada e analisada no ambiente escolar na disciplina de Geografia, que possui intensa relação com os fenômenos ocorridos na sociedade, possibilitando a utilização deste contexto nas aulas e a relação entre os estudantes com o conteúdo curricular e os conhecimentos vivenciados por eles no dia a dia.

Para tanto, requer do professor atividades de reconhecimento dos conteúdos curriculares direcionados a turma em que esteja trabalhando, formas de direcionamento para os estudantes, metodologias de trabalho e recursos que podem ser utilizados, pois:

Se considerarmos a docência como atividade intelectual e prática, revela-se necessário ao professor ter cada vez maior intimidade com o processo investigativo, uma vez que os conteúdos, com os quais ele trabalha, são construções teóricas fundamentadas na pesquisa científica (...). Nesse sentido, é importante que os professores em seu processo formativo, sobre tudo inicial, pesquisem como são produzidos os conhecimentos por eles ensinados (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007, p. 95-96).

A seleção das atividades, a possibilidade de aplicação de determinada prática em sala de aula, a aplicação de forma prática ou teórica, a capacidade de direcionamento aos estudantes e outras medidas devem ser direcionadas pelo docente.

Estas atividades cabem ao professor conhecimento de sua prática, do conteúdo a ser aplicado e de pesquisas em materiais de apoio como jornais, livros e junto aos estudantes com questionamentos e conhecimento das vivências dos discentes em um processo constante, onde:

(...) o professor deixa de ser aquele que reproduz as informações se tornar aquele que elabora, permanentemente, uma hermenêutica do mundo, fazendo descortinar-se diante de si e da humanidade o vislumbamento de querer sempre saber mais, pois compreende que o saber, resultante desse processo investigativo, é constituído da humanidade (GHEDIN, OLIVEIRA e ALMEIDA, 2015, p. 53).

As questões apresentadas dependem de inúmeros fatores do ambiente escolar até a formação do profissional da educação que determinam a possibilidade de execução de medidas em sala de aula que intensifique a interatividade entre os envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, atividades que buscam o incentivo a pesquisa em ambiente escolar, a autonomia dos estudantes e relações de interatividade para busca da aprendizagem são necessárias em conjunto com a prática docente em sala de aula.

Assim, feiras de ciências é uma alternativa para mobilização dos discentes em busca da fixação dos conteúdos normatizados e relação destes com as vivências dos estudantes em

consonância com medidas e adequações ao ambiente escolar e suas variáveis como estrutura, possibilidade de aplicação de pesquisa práticas, livro didático, entre outros.

Com tudo, é indispensável o planejamento prévio em qualquer das etapas de atuação do profissional docente, pela necessidade de coordenação, racionalização e organizações das ações realizadas, devendo considerar as relações sociais existentes, refletindo não apenas sobre cronogramas ou o ambiente em sala de aula, mas, incluindo o contexto social e político em que a escola esta inserida (LIBÂNEO, 2013).

A partir disto, foi discutido a prática de feira de ciências no ensino fundamental II na área de Geografia Ambiental e como esta atividade influencia na interatividade dos estudantes com o conteúdo, o professor e entre os discentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Geografia pode representar a prática da pesquisa, indo além da sala de aula, ampliando o conhecimento de quem dela se utiliza, deixando de ser decorativa e senso comum para a execução da prática desta ciência pelos estudantes, não se limitando a pesquisa apenas nas universidades, mas iniciando no ensino básico para melhor formação de discentes atuantes e pesquisadores em seu dia a dia, pois:

A despeito das aparências cuidadosamente mantidas, de que os problemas da geografia só dizem respeito aos geógrafos, eles interessam, em última análise, a todos os cidadãos. Pois, esse discurso pedagógico que é a geografia dos professores, que parece tanto mais maçante quanto mais as mass media desvendam seu espetáculo do mundo, dissimula, aos olhos de todos, o temível instrumento de poderio que é a geografia para aqueles que detêm o poder (LACOSTE, 1988, p. 22).

As descobertas da geografia como ciência e sua importância para desmascarar as vendas da sociedade iniciou na primeira etapa das atividades, em que, os estudantes realizaram textos e desenhos sobre o Semiárido Nordeste, representando suas opiniões, suas percepções e seus conhecimentos.

Em sequência da realização dos textos foram discutidas a percepções entre os conteúdos elaborados e sobre suas opiniões e comparação com o currículo presente no livro didático, comparando com os desenhos e conhecimentos pré-estabelecidos sobre a semiaridez.

As percepções dos estudantes sobre a semiaridez no Nordeste foi retratada como negativa e positiva em diferentes aspectos, demonstrando as visões que os estudantes possuíam da região.

Quadro 1: Percepções sobre o Semiárido Nordeste

Quadro de percepções	
Aspectos negativos	
Fome, escassez de água, calor, morte de gado, rios secos, verão, o homem trabalhando na terra seca, pouca chuva.	
Aspectos positivos	
Variedade de climas, chuvas, a população quando volta para o sertão, os açudes, vaquejada, comidas típicas, variedade de frutas.	

Fonte: Autores. 2019

Figura 1: Estudantes realizando atividade e desenhos sobre a percepção do Semiárido



Fonte: Autores. 2019

As percepções dos estudantes mudaram com a realização de pesquisa em jornais, na internet, em biblioteca, realizando entrevistas com familiares e no livro didático, constatando que as opiniões sobre o semiárido era formulada pelo senso comum, sem pesquisa ou busca de referências sobre o tema.

Em conjunto aos conhecimentos e informações obtidas nas pesquisas os discentes elaboraram novos textos com diferentes representações, discorrendo sobre o clima semiárido, os problemas que afetam a região, o período da chuva e o período seco, aspectos culturais, econômicos e populacionais da região.

Quadro 2: Aspectos destacados sobre o Semiárido

Aspectos destacados com a realização de pesquisas	
Aspectos físicos:	Destacou o clima semiárido, a vegetação de Caatinga, a frequência das chuvas, a intermitência dos rios, a dimensão do semiárido no Nordeste, as perdas na agricultura e as regiões úmidas existentes.

Aspectos econômicos:	Apresentaram as desigualdades sociais, a indústria da seca, à necessidade de ações governamentais.
Aspectos populacionais:	Discorreram sobre a cultura, as comidas típicas, as músicas e sobre as migrações.

Fonte: Autores. 2019

Com a realização de pesquisas em diferentes fontes (jornais, internet, entrevistas, bibliotecas e outros meios), foi possível observar apresentação dos conhecimentos obtidos e início das atividades práticas para execução da feira de ciências.

A segunda e terceira etapa possibilitaram a elaboração de maquetes, experimentos, cartazes e discussões teóricas para apresentação ao público que visitou a feira, com realização de experimentação de filtro de carbono caseiro para purificação da água, representação do semiárido em formato de maquete e ministração das características físicas, culturais e populacionais da região.

Figura 2: Maquete sobre o Semiárido no período seco



Fonte: Autores. 2019

Diante disto, foi possível ver a fixação dos conteúdos entre os estudantes e a relação direta com atividades práticas, vivenciando o conteúdo, a teoria, interagindo entre a os membros da turma, socializando os conhecimentos, possibilitando, com isso, melhor compreensão do tema trabalhado.

A interatividade foi constante em todo o processo de ensino e aprendizagem, sendo observado em toda a realização dos exercícios envolvimento com o conteúdo, seja nas pesquisas ou com o livro didático, onde os estudantes conseguiram acessar o conhecimento, elaborar medidas, realizar experimentos e ministrar suas compreensões em atividades de formação para a comunidade escolar.

Quadro 3: Interatividade registrada durante as atividades

Interatividade	
Estudante – conteúdo	Os estudantes interagiram com o conteúdo ao realizarem a ministração dos conhecimentos obtidos em sala de aula e em pesquisas sobre o tema. Ao realizar a assimilação do conteúdo programático e expressar os conhecimentos demonstra que o discente foi ativo no processo de ensino e aprendizagem.
Estudante - professor	O acompanhamento do docente em busca do protagonismo dos discentes possibilita a aproximação entre o profissional e o pupilo, em que, ao guiar as atividades o professor orientador realiza diálogo e não apenas ministra os conteúdos, assim, ensina e aprende ao receber as pesquisas e vivências realizadas pela turma.
Estudante - estudante	Atividades em equipes de pesquisa possibilita a troca de conhecimentos e auxilia na comunicabilidade entre os estudantes em que é indispensável à contribuição de todos, assim, ocorrendo à comunicação entre os membros de cada grupo e entre a sala como um todo, constituindo, com isto, a interatividade.
Estudante – comunidade escolar	Para execução das atividades os discentes necessitam se relacionar com todo o corpo docente da instituição de ensino, possibilitando relações múltiplas de ensino e aprendizagem para a vida dos estudantes. Ao ministrarem seus conhecimentos os estudantes interagem com toda a comunidade escolar, pois quando os ouvintes visitam a sala em que os trabalhos são expostos os estudantes apresentam seus trabalhos e respondem questionamentos e recebem contribuições dos visitantes.

Fonte: Autores. 2019

A interatividade proporcionou à relação entre o emissor e receptor a partir da emissão de determinada informação, que, quando assimilada pelo receptor a transforma em conhecimento, possibilitando, com isso, a comunicação da aprendizagem formulando novas relações e projeção dos conteúdos transmitidos. Para ocorrência da interatividade é necessária à relação mutua entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, por meio da comunicação (SILVA, 2012).

Figura 3: Estudantes e professor durante a feira de ciências



Fonte: Autores. 2019

A quarta etapa foi à avaliação, em uma roda de conversa, cada estudante pode apresentar os principais resultados e problemas identificados. Foram relatados entre as questões negativas: momentos de nervosismo durante a apresentação, a possibilidade de melhor decoração da sala e o cansaço durante as apresentações constantes. Os relatos positivos foram: o aprendizado sobre o tema, a possibilidade de apresentar o que aprendeu e o conhecimento obtido sobre o Semiárido.

As intervenções realizadas pelo professor de Geografia foram feitas ao fim do diálogo, apresentando as concepções avaliativas, os erros, os acertos e as formas de melhoria para cada equipe, relatando os pontos observados no desenvolvimento das atividades de ensino e da aprendizagem entre todos os envolvidos no projeto, pois segundo Libâneo (2008) a relação de ensino e aprendizagem entre alunos e professores deverá ser recíproca, destacando tanto o papel do docente, como também do aluno, protagonistas principais dessa reciprocidade.

O acompanhamento foi realizado com períodos para orientação, buscando, em todo processo, promover ações de orientação sem alterar o protagonismo e autoria dos discentes em cada atividade nas quatro etapas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com a aplicação da interatividade em pesquisas, atividades de grupo e dinâmicas participativas foram importantes para melhoria do ambiente escolar, relação entre os estudantes, envolvimento com o conteúdo e melhoria do comportamento dos estudantes.

Estas questões vão além da Geografia, possibilitam conhecimentos para a formação cidadã dos discentes e atuação em todos os ambientes que fizerem parte. Assim, possibilitando a atuação da escola não apenas como mera transmissora de informações, mas sim, em um local de transformação.

A feira de ciência é uma atividade que possibilita inúmeras ações, permitindo a aplicação da metodologia utilizada neste estudo em variadas aplicações, que, em conjunto com a interatividade atua na formação coletiva entre toda a comunidade escolar.

A educação participativa que promove a interatividade é uma saída para as aulas normatizadas, em que o aluno é mero receptor, para a promoção de uma formação de estudantes protagonistas do conhecimento adquirido.

REFERÊNCIAS

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ed, São Paulo, Cortez 2007, p.87-104.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Edições Loyola. 6 ed. São Paulo. 2012.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissionais docentes**. São Paulo: Cortez, 2008. 25-38 p.

_____, José Carlos. **Didática**. – 2a. Ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela S.; ALMEIDA, Whasgthon A. Por uma pedagogia do conhecimento na formação do professor – pesquisador. In: **Estágio com pesquisa**. GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela S.; ALMEIDA, Whasgthon A.- Cortez. São Paulo, 2015.

LACOSTE. Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**, de Yves Lacoste. Campinas São Paulo. Papyrus. 1988, Pg, 1 a 58

CALLAI, Helena Copetti. A geografia escolar e os conteúdos da Geografia. In: CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional de Geografia: o professor**. Coleção: Ciências Sociais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013, p. 39-59.

CASTELLAR, Sonia, A psicologia e a aprendizagem no ensino de geografia. In: CASTELLAR, Sonia. (org) **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**, São Paulo: Contexto, 2005. P. 38-50.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2015.